

Crianças precisam de jogos violentos

Armas de plástico e brincadeiras de guerra não produzem jovens desajustados. Ao contrário, criam jovens sadios

Duas certezas ditam hoje as regras dos pais que desejam ser modernos e educar seus filhos de modo livre e criativo. O primeiro prega que revólveres de plástico, metralhadoras mirins, armas espaciais são brinquedos que devem ser afastados das crianças, sob pena de elas se tornarem agressivas, desajustadas e se tornarem, no futuro, delinqüentes. O segundo faz a apologia exaltada dos métodos experimentais de educação, baseados em teorias de psicólogos e educadores célebres, que criariam jovens liberados, em tudo diferentes daquelas crianças tímidas e arrumadinhas formadas pela escola tradicional. O psicólogo norte-americano Glen David Skoler demole o primeiro destes mitos, ao afirmar que brincadeiras e brinquedos violentos são indispensáveis à educação de crianças sadias, que com eles aprendem a lidar com a agressividade e forjam sua identidade sexual. A psicóloga brasileira Ana Maria Nicolacci-da-Costa derruba o segundo, defendendo a ideia de que as escolas experimentais são, na verdade, tão adaptativas e castradoras quanto as escolas tradicionais, pois mudam apenas os conteúdos do controle que exercem sobre as crianças, restando aos pais escolher que tipo de adaptação e vigilância desejam para seus filhos.

Glen David Skoler

Agora que a nação é assolada por uma onda de crimes relacionados com as drogas — cometidos em grande parte por jovens armados — pais preocupados mais uma vez vão começar a pegar as pistolas de plástico e armas espaciais do quarto do filho para jogá-las no lixo. Adultos sensíveis, educados, bem intencionados temem compreensivelmente que esses brinquedos possam perverter os garotos, levando-os a uma maturidade anti-social e propensa à violência.

Não é verdade. De fato, pais que negam aos filhos revólveres de brinquedo e outras formas de brincadeiras agressivas podem estar contribuindo para a angústia e depressão infantil, interferindo no desenvolvimento emocional e na emergente identidade sexual, exacerbando o comportamento agressivo e prejudicando o desenvolvimento moral. Como numerosas tendências usuais da educação infantil, a censura aos brinquedos é muito mais reveladora dos preconceitos sociais e neuroses pessoais dos pais do que das necessidades psicológicas das crianças.

George Orwell comprehendeu isso há muito tempo, observando que o pacifista “que vê seus filhos brincando com soldadinhos de chumbo geralmente fica perturbado, mas nunca é capaz de pensar num substituto para os soldadinhos de chumbo; seja como for, pacifistas de chumbo não servem”.

De fato, os exemplos demonstram repetidamente que o papel das armas de brinquedo na infância não é fator significativo para criação de jovens ou adultos violentos. Em geral, esses infratores não praticaram violência fantasiada em brinquedos na infância, mas foram vítimas de violência real: maus tratos sexuais e físicos, sadismo, traumas, desprezo cruel e comportamento psicopático — o que a psicanalista alemã Alice Miller descreve como as raízes da violência na “oculta crueldade da educação infantil”.

Mas para a maioria das famílias, a maior ameaça é o que Miller chama de “cólera não extravasada”, comum até em lares ricos e de boa educação: “Todo analista experimentado conhece casos de filhos de pastores aos quais nunca se permitiu ter os chamados maus pensamentos e que jamais conseguiram ter um, mesmo à custa de graves neuras. Se as fantias infantis vêm finalmente à superfície na análise, geralmente têm um conteúdo cruel e sádico. Toda pessoa deve descobrir sua própria forma de agressividade, a fim de não se transformar num boneco obediente, manipulado pelos outros.”

Ao contrário, brinquedos violentos ajudam as crianças a usar a fantasia e servem para expressar, manejar e, em última análise, domar a cólera e a raiva. Pais que tentam dar lições sobre agressão, simplesmente proibindo-a, podem conseguir o resultado oposto: uma criança cuja frustração e cólera naturais se manifestam não de brincadeira mas na realidade — contra os pais, amigos e professores. Ou, pior ainda, contra a própria criança, na forma de angústia, culpa ou depressão.

Melanie Klein, a matriarca da moderna teoria psicanalítica pós-freudiana, coloca o ódio e a frustração, juntamente com o amor e a gratidão, entre os primeiros sentimentos mais importante e inevitáveis da criança. Este drama entre amor e ódio começa no estágio de desenvolvimento chamado pré-edipiano (antes dos 4 ou 5 anos, quando a identidade sexual da criança assume nova dimensão) e é importante para compreender as raízes da agressão tanto na criança saudável quanto no assassino ou estuprador patológico.

Nesta idade, a maioria das crianças nutre o temor de que sua própria agressão e ódio se tornem tão esmagadores e incontroláveis que possam des-

truir a criança, seus entes queridos, até o mundo inteiro. Esses temores geralmente inconscientes às vezes são vistos nos delírios niilistas tipo fim-do-mundo de adultos psicóticos. (Um desses pacientes de origem inglesa, que em criança tinha sofrido maus tratos sexuais e físicos, temia que suas iradas blasfêmias, embora não proferidas, pudessem *acidentalmente* vazar do seu nariz, resultando no disparo de mísseis nucleares rumo à Inglaterra e na *chacina* de sua mãe e pai.) Contudo mesmo para a criança pré-edipiana normal que não é cheia de raiva, sentimentos normais de frustração e agressão são tão difíceis de dominar que ela deve contar com várias defesas primitivas, que as armas, espadas e soldados de brinquedo podem facilitar.

A criança nova deve aprender que fantasias violentas não podem destruir o pai querido — ou o amor do pai pelo filho. Assim, embora o pacifista possa ficar horrorizado com um filho que atira *milhões* de balas no seu pai, a criança é psicologicamente confortada pela ideia de que o pai sobreviveu ao ataque. Idealmente, a criança depois aprenderá a usar palavras para expressar sentimentos; mas nessa idade, as palavras não permitem a representação do drama psíquico de fúria e redenção.

Relacionada com esta luta psíquica primitiva para impedir que o mal destrua o bem está a defesa fundamentalmente pré-edipiana de *divisão*, pela qual a criança divide bons e maus sentimentos a respeito dos outros em comportamentos psicológicos dicotômicos. Assim, ela preserva as imagens e

sentimentos associados com o pai *bom* de contaminação e destruição pela raiva e frustração associadas com o pai *mau* que é visto como mesquinho, zangado, ameaçador, onipotente ou seja lá o que for. Quando as crianças atiram em *sujeitos maus* na brincadeira, seu alvo não é *todo mundo*, mas atributos e sentimentos humanos decompostos que representam o *mal*. Assim, o pai que permite a um filho *matar* pessoas com armas de brincadeira não está reforçando o conceito de que algumas pessoas são tão más que merecem ser mortas, mas ajudando um importante processo psicológico pelo qual as crianças desenvolvem e preservam o conceito de que outros seres humanos são basicamente perfeitos e bons.

A medida que as crianças avançam para o próximo estágio, ou estágio edípiano (no qual desenvolvem uma atração inconsciente pelo pai do sexo oposto e uma correspondente hostilidade pelo pai do mesmo sexo), desenvolvem as raízes de uma verdadeira consciência ou superego. Brinquedos violentos, particularmente do tipo armas de fogo e



O pacifista que vê seu filho brincando de soldadinho de chumbo jamais vai conseguir que ele, ao contrário, brinque com um pacifista de chumbo

espadas, são de fato o símbolo ideal da agressão fálica e conflito. Durante esse estágio, as crianças a quem se negam vazões adequadas para afirmação e agressão podem desenvolver o duro *superego punitivo*, que alimenta sintomas neuróticos de culpa, angústia e constrição da personalidade.

Conforme descrição dos teóricos Jean Piaget, Lawrence Kohlberg e outros, as crianças passam por estágios sucessivos de raciocínio moral, com cada estágio radicado nas capacidades cognitiva e emocional em desenvolvimento da criança. As crianças geralmente evoluem de uma fase amoral, egoísta e não socializada para idéias primitivas e autoritárias de certo e errado, misturadas com noções de punição. Em níveis intermediários de funcionamento moral, brincadeiras de garotos bons contra garotos maus e lutas épicas entre o bem e o mal (seja Tom Sawyer fazendo Robin Hood ou a criança moderna brincando de *Guerra nas estrelas*) se solucionam na moral social convencional de lei e ordem. (É nesses estágios iniciais de desenvolvimento moral que o jogo com armas de brinquedo é tão útil

para ajudar as crianças a resolver conflitos bem reais a respeito de seus próprios impulsos agressivos, autoridade paterna e as demandas internas de uma consciência social e pessoal em desenvolvimento.) Com esses fundamentos firmemente estabelecidos, as crianças mais velhas podem então avançar para os níveis mais altos de moralidade pós-convenção ou de princípios, que tantos pais querem que seus filhos pratiquem como adultos.

Muitos pais, entretanto, na tentativa de ensinar moral mais alta aos filhos, freqüentemente ignoram essa importante lição, e gastam grande parte de seus esforços destruindo as fundações do desenvolvimento moral, em vez de completá-las. Embora poucos adultos inteligentes esperem razoavelmente encontrar um Gandhi numa tribo de homens das cavernas, freqüentemente exigem que seus filhos, psicologicamente primitivos, ajam com a paciência, auto-sacrifício e não-violência de um Gandhi — padrões que muitos pais não atingem regularmente.

Esses pais muitas vezes acham que permitir armas de brinquedo primitivas e incivilizadas e jogos de guerra é ensinar às crianças uma moralidade mais baixa: agressão, intolerância e a desumanização de um grupo de seres humanos que representam os *garotos maus*. Mas as crianças, entrando nessa brincadeira, consolidam e abraçam princípios do certo contra o errado, que mais tarde servirão como fundamento para concepções mais altas de moralidade.

Além disso, armas de brinquedo e jogos correlatos também ajudam a dominar as angústias infantis. A popularidade dos *Ghostbusters* e brinquedos correlatos enfatiza que, muitas vezes, quando as

crianças brincam de atirar, estão agindo, num nível psicológico, em autodefesa — contra monstros, fantasmas, indivíduos maus e outras manifestações dos temores infantis. Os pais podem retirar armas de brinquedo de uma criança — mas não essas angústias muito reais.

Geralmente, o uso de espadas, revólveres e soldados é predominantemente um problema do menino. (Devido ao condicionamento cultural, necessidade biológica, ou ambas as coisas, as meninas geralmente expressam suas agressões de outras formas.) Isso não deve ser mais ativamente estimulado ou proibido do que a tendência perfeitamente normal das garotas de brincar com bonecas em certo estágio do desenvolvimento. Contudo o jogo sexual simbólico dos garotos, muitas vezes expresso com armas de brinquedo, é tratado muito diferentemente; e, se tratado com insensibilidade, pode resultar em sentimentos de frustração, angústia e culpa.

O psicólogo infantil Bruno Bettelheim, em *The good enough parent*, sugere que a resposta não é

para elas... Compreenderiam que os garotos não têm vantagem sobre elas neste aspecto." □

Existem pais cuja aversão a brinquedos violentos não resulta de neurose pessoal, nem de neurose social, mas de crenças religiosas ou éticas profundamente arraigadas. Esses pais deveriam examinar a possibilidade de permitir que seus filhos se envolvam com armas de brinquedo em idades mais tenras (digamos, dos 2 aos 7 anos), quando elas oferecem a maior vantagem psicológica. Pais inteligentes, convictamente não-violentos, podem usar o inevitável interesse dos filhos em armas de brinquedo e jogos de guerra para começar a dar lições sobre as realidades da guerra e a opressão humana. Na área de Washington, os campos de batalha e exposições em Antietam e Gettysburg são mais terríveis e graves do que qualquer sermão paterno sobre os males inevitáveis de brincar com um revólver de esguicho. A Guerra Civil, em particular, oferece às crianças lições sobre julgamento moral, a carnificina da guerra e a loucura do conflito humano de "irmão matando irmão". Da mesma forma, um interesse em portavôis, bombardeiros ou "pracinhas" de brinquedo pode proporcionar uma abertura para lições morais sobre a II Guerra Mundial. Mesmo sem essas lições paternas, à medida que as crianças vão crescendo, seus jogos de guerra e interesses se tornarão muito mais estratégicos e baseados em "princípios".

Os pais que acham que não podem tolerar armas de brinquedo sob nenhuma circunstância não precisam ficar preocupados, achando que seus filhos são prejudicados psicologicamente — como outras crianças a quem se negam brinquedos e brincadeiras que outros têm. O mais importante é dar às crianças, através da



retirar armas de brinquedo dos garotos, mas dá-las também às garotas: "As garotas estão sujeitas a todo tipo de frustrações... e assim seriam igualmente bom que elas pudessem descarregar sua raiva através de jogos simbólicos, como as armas de brinquedo. Além disso, impediria que ficassem frustradas, porque um importante tipo de brinquedo simbólico disponível para os meninos não o é

brincadeira, a oportunidade de expressar, experimentar e, em última análise, conseguir o controle sobre sentimentos de agressão e conflito moral. O problema não é que armas de brinquedo sejam indispensáveis para efetuar isso, mas que, muitas vezes, pais intolerantes com esse tipo de brinquedo também são intolerantes com outras expressões adequadas de raiva e brincadeira agressiva. (Para os pais que querem experimentar seus próprios sentimentos e o das crianças sobre armas de brinquedo, pistolas de esguicho e armas espaciais que fazem bip-bip oferecem uma alternativa não ameaçadora. Além de divertidas, obviamente não são armas verdadeiras e assim salientam a distinção entre brincadeira e realidade.)

Uma das muitas vantagens dos filhos é que os pais podem aprender novamente muita coisa sobre a infância e a idade adulta. Os que estão dispostos a participar com seus filhos no jogo com armas de brinquedo, quer lutem em lados diferentes, ataquem um animal estofado ou se agrupem contra os garotos maus, vão aprender importantes lições sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo: que o amor é mais forte que o ódio, que a firmeza moral freqüentemente exige conflito e risco, e que revólveres de brinquedo não matam pessoas; revólveres de verdade sim.

Bruno Bettelheim sugere que os pais não tirem as armas de brinquedo dos meninos e passem também a presentear as meninas com elas